

# Questões de Gêneros na Escola: Potencialidades para Pensar uma Educação Menor

*Questions of gender in school: potentialities to debate a minor education*

---

**Cristina M. Varela**

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

crizokah@gmail.com

**Paula Regina Costa Ribeiro**

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

pribeiro.furg@gmail.com

**Joanalira Corpes Magalhães**

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

joanaliracm@yahoo.com.br

## Introdução

Estamos vivendo o tempo dos encontros virtuais, das experiências *on-line*, da vida em redes sociais. O acesso às informações e conhecimentos encontra-se a um *clic* de distância. Carregamos em nossas mãos a capacidade de nos transportarmos para qualquer lugar, a qualquer momento em nossos dias.

Ampliamos nossa capacidade de armazenamento de conhecimentos e experiências a partir de aplicativos como *Google*, *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*, e tantos outros que diariamente acionamos, desde o momento em que acordamos até a hora em que vamos dormir. Nesse mundo de rápidas e breves conexões nos constituímos enquanto sujeitos de múltiplas posições identitárias.

E nesse contexto, a educação também é acionada e entrelaçada pelas experiências virtuais. Anualmente crescem o número de cursos ofertados a distância, as escolas buscam dentro de suas possibilidades atrelar recursos tecnológicos a sua prática pedagógica diária, o campo de produção de materiais didáticos vem constantemente se inovando, não apenas nos comunicamos virtualmente com colegas e professores/as por meio de e-mails, como trocamos mensagens instantâneas via *Whatsapp*, *Skype*, *Messenger*.

As aulas ultrapassaram as barreiras físicas das salas de aula e agora ocorrem virtualmente. Palestras e conferências são transmitidas de forma *on-line*, em tempo real por diferentes plataformas. Os livros e textos têm ganhado outra roupagem no espaço virtual, apropriando-se de recursos que exploram possibilidades como imagens, vídeos animados, músicas e desenhos.

A todas essas transformações que vem ocorrendo a partir dos avanços tecnológicos podemos acionar o conceito desenvolvido por Michel Foucault de *heterotopia*. Para o filósofo “A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso.” (2009, p.411). Assim, pensar em heterotopias na educação, é justamente isso, pensar em espaços-tempo outros que articulam experiências da ordem do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo.

O *Videocurso Educação para a Sexualidade: dos currículos escolares aos espaços educativos*<sup>1</sup>, ofertado totalmente na modalidade *online*, ao possibilitar que professores/as de diferentes lugares e diferentes áreas de ensino, possam, através do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do Videocurso, vivenciar outras possibilidades educativas, outros tempos e espaços de formação, outras experiências de diálogo e troca de conhecimentos, entrando em contato com profissionais de áreas de atuação distintas das suas e de contextos sociais e culturais diferentes, constitui-se enquanto uma heterotopia na educação<sup>2</sup>.

Questionamos-nos, nesse sentido, se as experiências e as aprendizagens vividas na heterotopia do Videocurso, ao fomentarem ações e projetos de educação para a sexualidade abordando as temáticas relativas aos corpos, gêneros e sexualidades no espaço da escola, visando o enfrentamento às múltiplas violências e preconceitos presentes em nossa sociedade, estariam possibilitando diferentes práticas educativas que podem se ramificar a partir das discussões e produções realizadas pelos/as cursistas?

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar os recursos educativos digitais (RED) produzidos pelos/as cursistas do *Videocurso Educação para a*

---

<sup>1</sup> Curso de extensão, desenvolvido e ofertado pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese) desde 2015.

<sup>2</sup> O presente artigo é um recorte da tese de doutoramento PPG Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, tem por objetivo analisar o *Videocurso Educação para a Sexualidade* como um espaço de heterotopia.

Sexualidade como práticas de educação menor, de modo a pensar suas potencialidades para a promoção das discussões sobre as questões de gêneros<sup>3</sup> no espaço escolar. O conceito de educação menor acionado é articulado por Silvio Gallo em seus estudos a partir da obra dos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari.

## Heterotopias: o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade

Michel Foucault (2009, 2013) em três breves passagens de seus escritos deteve-se a pensar sobre os espaços que, de acordo com o filósofo, diferente das utopias que são lugares imaginados que não se encontram geograficamente localizáveis, existem as heterotopias, utopias localizáveis no espaço real.

As heterotopias são lugares outros que nos permitem estar e não estar. Em seus escritos, Foucault usa como exemplo os cemitérios, as bibliotecas, os teatros e cinemas, lugares reais, localizáveis, mas que mesmo quando estamos dentro deles, não estamos, pois é característica desses lugares nos transportarem para outros espaços e tempos. As heterotopias são essas “unidades espaço-temporais, esses espaços-tempos têm em comum serem lugares onde estou e não estou.” (FOUCAULT, 2013, p. 37).

As inquietações de Foucault em relação aos espaços permeiam parte de sua obra. Para ele, “a inquietação de hoje se refere fundamentalmente ao espaço, sem dúvida muito mais que ao tempo; o tempo provavelmente só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço” (2009, p. 413). Assim, para Foucault existem os espaços reais, concretos, lugares que nos situamos e existimos. Segundo o autor:

Não se vive em um espaço neutro, e branco; não se vive, não se morre, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. (2013, p. 19).

Essas regiões são da ordem do instituído, do concreto. Mas falar de heterotopia não significa falar desses mesmos lugares. Significa falar de outros espaços, que coexistem com os lugares instituídos. São “lugares que se opõem

<sup>3</sup> O termo “gêneros”, no plural, é utilizado por nós, entendendo ser essa uma dimensão que vai além da construção binária, masculino e feminino, sendo assim entendidos os gêneros como um espectro, e não dois conjuntos de ideais opostos.

a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los." (FOUCAULT, 2013, p. 20).

Para ajudar a localizar essas heterotopias são propostos cinco princípios, constituindo o que seria uma proposta de estudo dos espaços: a heterotopologia. No primeiro princípio Foucault indica que todas as sociedades produzem suas heterotopias, que podem assumir diferentes formas, sendo indicado como segundo princípio ser possível não apenas diluir ou desfazer essas heterotopias, bem como ressignificá-las. O terceiro princípio dessas heterotopias é justapor diferentes espaços em um lugar real. Como quarto princípio Foucault indica que são as heterotopias recortes singulares do tempo, muitas vezes acumulando diferentes tempos num mesmo espaço. E por fim como último princípio é indicado que as heterotopias possuem uma forma de entrar e sair delas (FOUCAULT, 2009, 2013).

É assim, a partir do estudo e apropriação desses cinco princípios, que se assume o espaço virtual de formação de professores/as *Videocurso Educação para a Sexualidade* como uma heterotopia, por nos permitir identificar nele os princípios da heterotopologia indicados por Foucault (2009, 2013) em seus escritos.

Entendemos ser o Videocurso um espaço que faz parte do momento em que vivemos atualmente, época das tecnologias digitais, da educação online, época do acesso rápido a informação. Assim como se sabe que constantes transformações e mudanças vêm ocorrendo e que a qualquer momento novas possibilidades superem o espaço virtual que se constitui no Videocurso, levando-o a se transformar, mudar.

Ainda podemos identificar o Videocurso como um espaço de justaposição de vários outros espaços (o mesmo é composto de duas webconferências, uma de abertura e outra de encerramento, 12 videoaulas, 4 fóruns de discussão e a produção de um trabalho final –Recurso Educativo Digital), pois conecta diversas pessoas, diversos lugares e culturas diferentes. Participar do Videocurso também significa a experimentação de outros tempos, é a constituição de encontros assíncronos entre cursistas e equipe docente. Por fim, mesmo sendo aberto e livre, para se estar nele é necessário acessar para as discussões que ali se propõem, posicionar-se dentro das questões de gêneros.

As videoaulas e os fóruns de discussão permitem que os/as cursistas vivenciem seu processo de formação a partir de discussões e diálogos que problematizam questões de gêneros, foco desse artigo, dentre outras temáticas re-

lacionadas à educação para a sexualidade. Assim, constituir o Videocurso como uma heterotopia “significa inventar outros espaços, para além da organização e do controle instituídos.” (GALLO, 2015, p. 85) na educação para a sexualidade.

No espaço-tempo em que se constitui o Videocurso muitas são as experiências e problematizações vivenciadas pelos/as cursistas que ali estão presentes. Dentro de cada uma das videoaulas e dos fóruns há uma constante retomada ao espaço da escola, o espaço instituído da educação. Entender o espaço do Videocurso como um espaço de heterotopia é também “engendrar novos espaços-tempos, que instituem relações pedagógicas diferenciadas. E que suscitem acontecimentos.” (GALLO, 2015, p. 85). Assim, nos questionamos, de que forma o *contraespaço* do Videocurso está possibilitando engendrar novos espaços-tempos nos espaços escolares? Como o Videocurso tem possibilitado suscitar acontecimentos nos espaços escolares em que os/as cursistas atuam profissionalmente a fim de propiciarem a educação para a sexualidade?

## Articulações possíveis entre heterotopia e educação menor

O Videocurso assume em sua proposta de educação para a sexualidade “refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produção de subjetividades.” (XAVIER FILHA, 2009, p. 96). Nesse sentido, entendemos serem os Recursos Educativos Digitais – RED produzidos nessa perspectiva, possibilidades de multiplicar no espaço da escola as discussões debatidas durante o curso por meio de uma prática pedagógica que suscite acontecimentos “mesmo pequenos, que escapam ao controle.” (GALLO, 2015, p. 84).

Para esse movimento de suscitar acontecimentos, produzir novos espaços-tempo na educação, Silvio Gallo nomeia de educação menor, conceito produzido a partir do deslocamento do conceito de literatura menor desenvolvido pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975). Propomos nesse artigo nos aventurar a pensar nos RED como práticas de educação menor, engendradas a partir do espaço de heterotopia do Videocurso, abrindo caminhos para a experimentação do fazer menor no espaço da escola.

Para Foucault as heterotopias, a partir de sua capacidade de justapor vários espaços em um mesmo lugar, constituem-se em multiplicidades, assim é nesse es-

paço que o Videocurso, a partir da proposta de produção do RED, permite a promoção de “experiências de desterritorialização no território instituído, inventando linhas de fuga.” (GALLO, 2013a, p. 10) no espaço da escola em seu devir-menor.

Deleuze e Guattari (1975), em sua obra *Kafka: por uma literatura menor*, propõem olhar para a produção literária de Kafka como uma literatura menor, não num sentido pejorativo, diminuindo-a, mas como uma literatura que apresentava “atributos linguísticos, políticos e coletivos.” (GRUPO TRANSVERSAL, 2015, p. 19). Na proposta conceitual dos autores a literatura menor, não se pretende uma oposição à literatura maior, aquela instituída, formal, dominante, mas sim singularizar a escrita, como uma escrita que foge ao instituído, que produz diferenças, introduz linhas de fuga.

Em seu deslocamento para a educação menor, Gallo (2015, p. 86) afirma que,

Investir na educação como um devir-menor, não como novo modelo a ser instituído, Educação menor como experimentação, invenção de linhas de fuga na educação maior, instituída. Educação menor como prática de resistência, de acreditar no mundo e na escola, apostando na possibilidade de suscitar acontecimentos. Proliferação de experiências outras, invenção de heterotopias.

Ao instigar aos/às cursistas que criem e construam a partir do que lhes toca em sua experiência junto ao Videocurso e seu espaço de atuação profissional, podemos assumir serem os RED essa experimentação, essa possibilidade de invenção de linhas de fuga dentro do espaço da educação maior da escola, como atos de resistência, como educação menor que se propõe a suscitar acontecimentos a partir das discussões sobre as questões de gêneros.

A educação menor, potencializada a partir dos RED que discutem as questões de gêneros, significa produzir linhas de fuga ao engessamento produzido pelo controle e disciplinamento do currículo instituído. É constituir espaços de promoção de respeito às diferenças e enfrentamento às violências que permeiam os espaços escolares.

Partindo dos escritos de Deleuze e Guattari (1975) a respeito da literatura menor, Silvio Gallo (2002, 2013a, 2013b, 2015) retoma as três características que permitem identificar uma literatura enquanto menor, e promove a aproximação desses aspectos para o campo educacional. São elas: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo.

Assim, se na literatura desterritorializa-se a língua, na educação promove-se a desterritorialização das práticas educativas já instituídas:

Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle. (GALLO, 2002, p. 175).

Compreende-se serem os RED artefatos que quando inseridos no espaço da escola podem promover a desterritorialização de práticas educativas por vezes repetitivas e estáticas. Ao utilizarem ferramentas virtuais como programas de computador, aplicativos de celulares ou *tablets*, apropriando-se de outras linguagens diferentes das clássicas encontradas comumente no espaço da escola (livro didático, quadro, revistas), produzem novas experiências e assim podem promover outras aprendizagens além daquelas instituídas no currículo formal.

A segunda característica quando transposta para a educação nos permite reforçar o caráter político que todo ato educativopossui. Assim, a educação menor é sempre um ato político, e esse duplo entendimento do papel político que constitui a educação menor amplia sua existência enquanto resistência e revolta, assume-se a militância como prática.

A ramificação política da educação menor, ao agir no sentido de desterritorializar as diretrizes políticas da educação maior, é que abre espaço para que o educador militante possa exercer suas ações, que se circunscrevem num nível micropolítico. A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, das relações diretas entre os indivíduos que por sua vez exercem efeitos sobre as macrorrelações sociais. (GALLO, 2013b, p. 67).

Entende-se que se todo ato educativo é um ato político, ao se pensar nos RED como ramificações políticas das discussões sobre as questões de gêneros nos espaços escolares, podemos assumir ser essa prática uma forma de criar trincheiras, promovendo debates aquém dos propostos no espaço da educação.

E a terceira característica quando atrelada ao campo da educação assume-se que todo ato produz um valor coletivo. A ação militante assumida pelo educador implica diretamente sobre o coletivo, suas decisões e ações afetam o todo, produzem significados.

Nas palavras de Gallo (2002, p. 173):

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância.

Também percebemos os RED, como espaços de resistência que permeiam as práticas educativas dos/as cursistas. Ao elaborarem materiais que tem por objetivo promover as discussões a respeito das questões de gêneros nos espaços das escolas que circulam, os/as cursistas assumem o papel político de trabalhar tais questões, possibilitando a seus/suas alunos/as traçar linhas de fuga, desterritorializar saberes instituídos e tornar parte do coletivo a importância de se tratar sobre essa temática no âmbito educativo.

## Questões de gêneros: práticas de Educação menor nos Recursos Educativos Digitais

Propor a articulação entre os conceitos de heterotopia de Foucault (2009, 2013) e educação menor de Gallo (2002, 2013a, 2013b, 2015) para pensar o Videocurso *Educação para a Sexualidade* e as possibilidades educativas que podem emergir através desse outro espaço dos Recursos Educativos Digitais (RED) sobre as questões de gêneros produzidos pelos/as cursistas do Videocurso é o desafio aqui assumido.

Entendemos ser o RED todo e qualquer recurso produzido com o apoio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) voltados a processos de ensino e aprendizagem. Tais artefatos possibilitam inúmeras experiências como a aprendizagem colaborativa, criatividade, interação, novas apropriações com o uso de linguagens diferentes e tecnologias, a convergência com outros espaços, tempos e sujeitos, multiplica os tempos e momentos de aprendizagem, permitindo a constante atualização e ressignificação de saberes e práticas.

Ao se propor aos/as cursistas que produzam esse tipo de artefato tem-se por objetivo proporcionar a organização de um material educativo que possa ser utilizado no espaço da escola, contribuindo, assim, para o

desenvolvimento de propostas educativas e projetos que discutam temas relacionados à educação para a sexualidade.

No presente artigo nos propomos a olhar para os RED que abordam de forma mais objetiva as questões de gêneros. Assumimos ser relevante analisar como a discussão de tais questões tem permeado os trabalhos dos/as cursistas, quais seus objetivos com esses materiais e que possibilidades de discussão tem no espaço escolar, tendo em vista os ataques que tal debate vem sofrendo no âmbito da educação a partir do que se convencionou chamar “ideologia de gênero” por alguns grupos conservadores, bem como pela retirada desse tema nos planos nacionais, estaduais e municipais de educação. Para estes grupos as discussões de gênero no âmbito escolar ofendem os valores cristão, estimulando crianças a “trocarem de gênero”, a destruição da família, a homossexualidade, dentre outras questões. Assim, podemos evidenciar novamente os RED como esses espaços de resistência ao colocarem em debate as questões relacionadas aos gêneros na escola.

Para que se possa aprofundar o processo analítico iniciado a partir do que se comprehende por educação menor e como tal conceito se relaciona aos RED que discutem as questões de gêneros, produzidos como trabalho final para a conclusão do Videocurso, considera-se válido inicialmente apresentar algumas características gerais de todos os trabalhos finais submetidos pelas turmas do polo de Rio Grande<sup>4</sup> ao Videocurso durante as ofertas de 2016/1 e 2016/2<sup>5</sup>. É interessante destacar que esse primeiro movimento configura-se como parte dos caminhos de análise percorridos para este artigo, uma vez que é a partir dessa aproximação que se pode fazer o recorte para compor o corpus de análise dos RED que focaram em suas discussões as questões de gêneros em seus entrelaçamentos com outras questões como identidade, sexualidade, violência, entre outros.

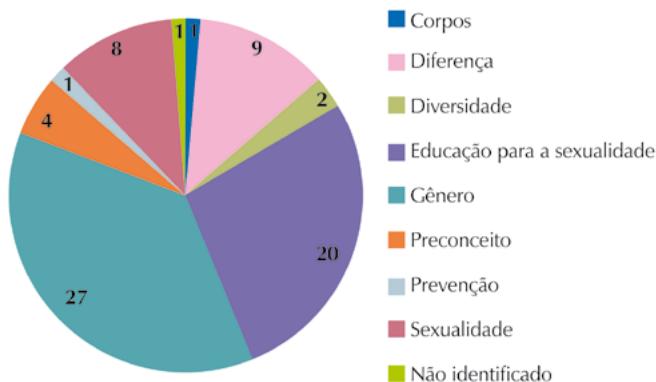
Ao todo nas duas ofertas do Videocurso, aqui selecionadas para compor o corpus de análise, foram submetidos 73 trabalhos finais. Como propósito de

---

<sup>4</sup> Ao longo de suas atividades o Gese tem desenvolvido parcerias para ofertar o Videocurso. Durante o ano de 2016 foram realizadas atividades em conjunto com a Secretaria da Mulher do município de Bagé, a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA e a Universidade Federal de Uberlândia – UFU. O recorte realizado junto ao polo de Rio Grande se dá pelo espaço de atuação realizado pelas autoras do presente artigo como professoras de tal polo.

<sup>5</sup> O Videocurso encontra-se em sua quarta oferta, tendo iniciado suas atividades no segundo semestre de 2015. A escolha por analisar os trabalhos do ano de 2016 se dá por ser este o recorte adotado na tese de doutorado em andamento, do qual o presente artigo está articulado.

organização e apresentação dos mesmos, neste artigo optamos por classificá-los a partir das temáticas de discussão apresentadas.



É importante destacar que a partir dos dados indicados no gráfico 1, as questões de gêneros, foi a temática que permeou o maior número de RED, totalizando 27 produções, aspecto este que indica a relevância do tema junto aos estudos e discussões realizados pela grande maioria dos/as cursistas, fator que mais uma vez nos impulsiona a dedicar mais atenção junto a esses artefatos, de modo a conhecer como as questões de gêneros permearam as produções do RED entre os/as cursistas, tendo em vista o contexto social atual em que vivemos uma crescente ofensiva religiosa “que encontrou nas questões de ‘gênero’ o principal mote em suas mobilizações.” (JUNQUEIRA, 2017, p. 25).

Ainda é válido destacar que, outras categorias apresentam breves entrelaçamentos com as questões de gêneros também. Porém, o que norteou a classificação aqui apresentada foi a predominância da temática no artefato como um todo, bem como o entrelaçamento contínuo de tal categoria junto a outras questões como gêneros e violência, identidade de gêneros e identidade sexual, gêneros e corpos.

A partir dessa breve classificação passamos a analisar os dados com o recorte sobre os 27 RED que tem como tema único ou predominante as questões de gêneros. De modo a facilitar a compreensão sobre o conteúdo que aparece nos trabalhos selecionados, apresentaremos abaixo a classificação dos mesmos.



Os dados apresentados no gráfico 2 demonstram a predominância da discussão sobre as questões de gêneros e a infância, fato este que pode estar ligado ao público que participa do Videocurso, sendo muito procurado por professores/as da Educação Infantil e Anos Iniciais. Outra temática que se destaca entre as produções dos/as cursistas é aquela que apresenta os entrelaçamentos entre as questões de gêneros e sexualidade, abordando a questão das identidades de gênero e sexualidade. E por fim damos também destaque a produção de materiais a respeito das questões de violência de gêneros, sendo que posteriormente veremos como essa temática está diretamente ligada às questões da mulher.

A partir dos dados acima apresentados propõe-se aprofundar as análises sobre os RED que compõem três das categorias sobre as questões de gêneros que mais tem trabalhos: construção de gêneros na infância; entrelaçamento de gêneros e sexualidades; e, violência de gêneros. O exercício que se pretende nesse momento é o de estabelecer tais análises operando os RED que tem em sua proposta possibilidades educativas que os caracterizam como práticas de educação menor.

Para ação tal discussão, nos interessa nesse momento articular os princípios da educação menor a partir das questões de gêneros que são problematizadas nos RED<sup>6</sup> selecionados para as análises, quais sejam: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo.

<sup>6</sup> Os RED analisados no presente artigo possuem autorização dos/as cursistas para serem utilizados nessa pesquisa.

## A desterritorialização das práticas educativas que reforçam a heteronormatividade

Desterritorializar práticas educativas é, antes de mais nada, fazer vazar, abrir brechas na educação maior para outros saberes, outras possibilidades de discussão, e assim, possibilitar a desnaturalização de questões dadas na ordem do natural como as questões de gêneros. Esses processos são identificados por nós nos trabalhos da categoria *Entrelaçamentos de gênero e sexualidade* a partir de sua preocupação em problematizar os conceitos de gêneros e sexualidades enquanto construções sociais, históricas e culturais.

Ao olharmos para os RED que apresentaram como tema central as questões de gêneros, pôde-se observar a frequente necessidade dos/as cursistas, ao estruturarem as propostas dos seus trabalhos, articularem os conceitos de gênero e identidade de gênero aos conceitos de sexualidade e identidade sexual, preocupados/as em realizar ao mesmo tempo a distinção entre ambas as dimensões, mas de alguma forma relacionando como estes conceitos aparecem imbricados.

Dos seis trabalhos selecionados nessa categoria, três trabalhos têm objetivo de discutir os conceitos e realizar aprofundamento teórico junto a sujeitos jovens e adultos. Dois trabalhos propõem abordar tais discussões a partir de atividades e jogos, sendo que um desses trabalhos é uma apresentação que conta um pouco sobre como foi realizar um teatro com uma turma de 9º ano para discutir as questões de gêneros e das sexualidades a partir do que observaram em artefatos midiáticos. E o último trabalho analisado nessa categoria se constitui em um blog no qual a autora selecionou materiais e informações que problematizavam as questões de gêneros e sexualidades montando um pequeno banco de informações.

Destacamos no quadro 1 passagens de alguns dos RED indicados nessa categoria. As enunciações<sup>7</sup> mostram como os cursistas articularam em seus trabalhos algumas problematizações sobre a construção das identidades de gêneros pautadas numa norma, a norma heterossexual, evidenciando assim a heteronormatividade.

<sup>7</sup> Utilizamos-nos do conceito de enunciação na perspectiva foucaultiana, entendendo-a como “[...] um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade, entretanto, deixa passar um certo número de constantes – gramaticais, semânticas, lógicas – pelas quais se pode, neutralizando o momento da enunciação e as coordenadas que o individualizam, reconhecer a forma geral de uma frase, de uma significação, de uma proposição” (FOUCAULT, 2015, p. 223).



Imagen RED 01



Imagen RED 03



Imagen RED 05

Identifica-se, dessa forma, como as questões de gêneros e das sexualidades aparecem entrelaçadas ao longo desses seis (6) RED. Sendo interessante observar que nos trabalhos que se propõem a apresentar conceitos e aprofundamento teórico sobre o tema em questão, há uma grande preocupação em desconstruir essa visão heteronormativa que por vezes permeia os discursos sobre as questões de gêneros e das sexualidades.

A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra uma instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as. (JUNQUEIRA, 2016, s/p).

Pensar em práticas que se assumam desterritorializadoras da heteronormatividade é entender que estas procuram demonstrar o caráter construído de gêneros, é entender e assumir que “El género es el mecanismo a través del cual se producen y se naturalizan las nociones de lo masculino y lo femenino, pero el género bien podría ser el aparato a través del cual dichos términos se desconstruyen y se desnaturalizan” (BUTLER, 2006, p. 70).

Nesse sentido, entendemos esses materiais como práticas de educação menor, assumindo estarem eles, desterritorializando ações, que reforçam a construção de gêneros como binários opostos, preocupados em apresentar as múltiplas possibilidades de construção das identidades de gênero e sexuais.

Segundo Judith Butler (2003, p. 26), “Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é destino.” Assim, desenvolver materiais pensados para problematizar as práticas hegemônicas que são reproduzidas nos

mais diversos espaços das escolas, em seus materiais didáticos, uniformes, práticas desportivas e tantas outras vivências com relação às questões de gêneros e sexualidades é possibilitar linhas de fuga para os sujeitos que estão inseridos nesses espaços. Para Deleuze (1998, p. 30) “Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano”.

Preocupados/as em problematizar as questões de gêneros e seus entrelaçamentos com as sexualidades, os/as cursistas produzem a desterritorialização das discussões, estabelecem linhas de fuga que poderão possibilitar novos acontecimentos, novas vivências para essas questões junto ao público alvo aos quais os RED estão endereçados. Para Silvio Gallo esse movimento de desterritorialização da educação menor pode ser comparado às táticas utilizadas pelos grevistas, “trata-se de impedir que a educação maior, bem-pensada e bem-planejada, se instaure, se torne concreta. Trata-se de opor resistência, trata-se de produzir diferenças. Desterritorializar. Sempre.” (2013b, p. 67).

Os RED, ao se proporem discutir as questões de gêneros desconstruindo a visão normativa que atribui ao sexo biológico uma única expressão de gênero, e mostrando as múltiplas formas de construção das identidades de gêneros, estão estabelecendo práticas de educação menor que resistem, que se preocupam em produzir a diferença nos espaços escolares.

De acordo com Junqueira (2013, p. 59):

Políticas socioeducacionais que deem a devida ênfase à promoção dos direitos sexuais, ao reconhecimento da diversidade sexual e à igualdade de gênero possuem um potencial transformador que ultrapassa os limites da escola, lançam as bases para uma nova agenda pública e uma nova modalidade de pactuação social e contribuem de maneira marcante para a construção de um novo padrão de cidadania.

Entendemos que ao pensar nos RED como práticas de educação menor não estamos apenas reafirmando seu potencial de resistência à educação maior e as práticas massificadas que muitas vezes reforçam os padrões binários de gêneros impostos social e culturalmente, como podemos então perceber sua ramificação política.

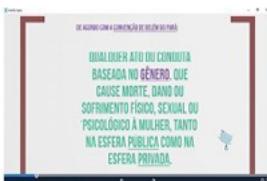
## A ramificação política do fazer falar sobre as violências de gêneros

“A violência é um fenômeno que perpassa as culturas e a história da humanidade. [...] A violência não é um dado natural, tampouco faz parte da condição de um gênero. Ela é produzida nas e pelas sociedades. Nesse viés, pode ser modificada.” (ÁVILA, 2017, p. 103). Assim, assumir o caráter político da educação menor é empreender o projeto de discutir as questões de gêneros dando espaço e visibilidade para compreender a produção relacional das masculinidades e as feminilidades. É entender que não é da natureza masculina a violência, nem da natureza feminina a subordinação.

Dentre os trabalhos selecionados na categoria *Violência de gêneros* apresentam em suas temáticas questões relacionadas à violência contra mulheres e meninas. Em três dos trabalhos selecionados nessa categoria, há a preocupação em discutir a violência contra as mulheres a partir dos dados apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU) e Instituto Brasileiro de Geográfica e Estatística (IBGE). Nesses trabalhos, está presente a discussão sobre os tipos de agressão, os fatores psicológicos e emocionais enfrentados pelas vítimas e a importância da Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006). É constante nesses trabalhos a presença da reflexão sobre como são produzidas as relações entre os gêneros a partir de atribuições que os hierarquizam, a partir de relações de poder assimétricas, conforme quadro 2.



### Imagen RED 03



## Imagen RED 01



## Imagen RED 02

Os outros dois trabalhos indicados nessa categoria trazem como temática de discussão o *sexting*, apresentando como recorte em suas discussões o viés da violência decorrente das situações de preconceito vivenciadas pelas

meninas e mulheres vítimas da prática do *sexting* não consentido, também, dessa forma, evidenciando as relações hierarquizadas que se constituem entre homens e mulheres, meninos e meninas.

Salientamos o viés político que perpassa as discussões presentes nesses RED. Considerando o contexto em que vivemos com índices de violência tão expressivos, propor que se discutam questões como as relações assimétricas que se estabelecem entre os gêneros é assumir como prática a educação menor. Assim,

Se toda educação é um ato político, no caso de uma educação menor isso é ainda mais evidente, por tratar-se de um empreendimento de revolta e de resistência. Uma educação menor evidencia a dupla face do agenciamento: agenciamento maquínico de desejo do educador militante e agenciamento coletivo de enunciação, na relação com os estudantes e com o contexto social. Esse duplo agenciamento produz possibilidades, potencializa os efeitos da militância. (GALLO, 2013b, p. 67).

Tomar como tema de discussão e problematização as questões de gêneros a partir do viés da violência é desnaturalizar o caráter natural assumido sobre o ser homem e o ser mulher, é entender como tal determinação tem historicamente produzido a identidade masculina em relação com a identidade feminina, identificando a segunda como subalterna. Segundo Dagmar Meyer (2003, p.10) o “gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em cheque tanto algumas das formas de organização social vigentes quanto as hierarquias e desigualdades delas decorrentes”.

Tratar como tema de discussão as questões de gêneros sob o prisma das violências é assumir o caráter duplamente político desses RED, possibilitando práticas de educação menor que se constituam enquanto “máquina de guerra, não como aparelho de Estado” (GALLO, 2013b, p.68) assumindo que:

[...] essa realidade de subordinação do feminino é decorrente da construção social e cultural do universo feminino, demarcada por uma imagem negativa do feminino que seria incapaz de gerenciar os excessos de paixões, cabendo ao homem o papel de administrador nato, de dominador por natureza, já que a mulher por não controlar suas emoções acabou semeando os males e pecados por toda humanidade. (RABELO; AMAZONAS, 2014, p. 1287).

Os RED são assim, práticas de educação menor que desterritorializam saberes e conhecimentos hegemônicos, produzindo linhas de fuga e abrindo

espaço para novos agenciamentos, potencializando o caráter político das discussões sobre as questões de gêneros de forma rizomática, produzindo sempre novas conexões, assumindo assim caráter coletivo.

## O valor coletivo que se produz a partir das discussões sobre a construção de gêneros nas infâncias

Não há uma “essência” de ser masculino ou feminino, mas um aprendizado, uma constituição identitária; portanto, podemos constituir formas múltiplas de ser masculino, feminino, ou criar outras formas de ser. Esses aprendizados sociais, no entanto, estão impregnados pela visão binária de ser masculino/feminino, quase sempre indicando uma forma única de ser homem/mulher. Essa norma social determina que o gênero esteja em consonância direta com a heterossexualidade compulsória, ou seja, se nasci com um pênis, serei do gênero masculino e terei uma orientação sexual heterossexual; o mesmo se aplica às mulheres. (XAVIER FILHA, 2016, p. 24).

Tomar as questões de gêneros como tema central dos RED e possibilitar a desterritorialização de saberes hegemônicos, assumindo o caráter político de tal ação, demanda necessariamente entendermos essa prática em seu valor coletivo. É problematizar a visão de que não há uma essência que determina como nos constituímos homens e mulheres e possibilitar a desnaturalização desse discurso.

Assim, as propostas de RED que se mobilizaram a discutir a constituição binária dos gêneros nas infâncias, questionando as brincadeiras e brinquedos, as cores, as roupas e demais atributos de gêneros que permeiam esse universo, assumem papel coletivo, pois em sua função política, a educação menor não é de um indivíduo, mas de um coletivo de sujeitos que se vê representado nesse processo. De acordo com Silvio Gallo (2002, p. 176),

Na educação menor todo ato adquire um valor coletivo. O educador-militante, ao escolher sua atuação na escola, estará escolhendo para si e para todos aqueles com os quais irá trabalhar. Na educação menos, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, singularização coletiva.

Dessa maneira ao tomar para si a proposta de discutir as questões de gêneros nos RED, os/as cursistas tem diretamente ação sobre todos os sujeitos com os quais

trabalham e interagem. A discussão das questões de gêneros é nesse sentido, trazida para o âmbito escolar, e tal ação implica em todos os sujeitos envolvidos.

Nos RED indicados na categoria *construção de gêneros na infância* há a predominância na abordagem da relação entre o conceito de gênero e a produção das infâncias. Os trabalhos procuraram nesse sentido, problematizar a educação binária das crianças, discorrendo sobre a constituição das infâncias em dois mundos separados, o mundo dos meninos e o mundo das meninas.

Nos seis trabalhos identificados dentro dessa categoria encontramos três produções de vídeo, todas preocupadas em mobilizar a temática a partir de imagens e questionamentos sobre o que seriam as “coisas de meninos” e “coisas de meninas”, conforme quadro 3. Há também uma apresentação de *Prezi*, que versa na mesma proposta dos vídeos, apresentando questionamentos sobre como estão representados meninos e meninas a partir de imagens e desenhos. E outros dois RED que propõem atividades para serem desenvolvidas com crianças para se questionar o binarismo de gêneros nas atividades diárias da escola, brincadeiras, práticas desportivas e a distinção de acessórios para meninos e meninas.



Imagen RED 01



Imagen RED 03



Imagen RED 06

A partir das enunciações apresentadas no quadro 3 podemos observar o questionamento as questões de gêneros presentes na construção das identidades de meninos e meninas. Segundo Ana Colling (2004, p. 29) “São as sociedades, as civilizações que conferem sentido à diferença, portanto não há verdade na diferença entre os sexos, mas um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la”.

Ao problematizar tais questões os RED se produzem enquanto práticas de educação menor, potencializando discussões que muitas vezes permeia o espaço da escola sem questionamentos. Há nas propostas desenvolvidas pelos/as cursistas

do Videocurso a expressão de uma problemática que acaba por se fazer coletiva, envolvendo seus espaços de atuação profissional na reflexão sobre as questões de gêneros suscitadas a partir das videoaulas e da própria produção do RED.

Em um dos vídeos é apresentado, na forma de breves depoimentos, questionamentos realizadas por crianças de uma turma de 4º ano do ensino fundamental. Numa das falas é expressa a problematização da divisão das brincadeiras por gêneros: *“As meninas tem que brincar de boneca que elas são delicadas, os meninos tem que jogar bola... não precisa ser assim, os meninos e as meninas podem brincar juntos.”*. Essa passagem expressa a multiplicação das discussões realizadas no âmbito do Videocurso dentro do espaço da escola.

Para Silvio Gallo (2013b, p. 69)

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam hecidades. Não há sujeitos, não há objetos, não há ações centradas em um ou outro; há projetos, acontecimentos, individuações sem sujeito. Todo projeto é coletivo. Todo valor é coletivo. Todo o fracasso também.

Propor-se a abordar as questões de gêneros não se limitam a uma incursão individual sobre as discussões e problematizações a partir desse campo teórico. Os RED tornam-se rizomas, multiplicam-se, provocam devires, suscitam acontecimentos na escola, e suscitar acontecimentos é “abrir-se para o que acontece, em sala de aula, ou nos outros espaços escolares, para além do planejado, do planificado, dos objetivos definidos de antemão. Atentar mais para a trajetória do que para o ponto de chegada.” (GALLO, 2015, p. 87). Produzir práticas de educação menor a partir dos RED sobre as questões de gêneros é preocupar-se com a constituição do momento, problematizar as construções de gêneros a partir de uma matriz biológica fixa e fazer desestabilizar a produção binária dos modos de ser e viver as infâncias.

## Breves considerações sobre o fazer menor a respeito das questões de gêneros

As proposições aqui narradas não se extinguem, multiplicam-se, produzem rizomas em nossas ações, produções e aprendizagens, desterritorializam

“verdades” que carregamos e possibilitam o devir menor na educação sobre as questões de gêneros. E são esses contraespaços, constituídos pelas heterotopias que nos permitem o fazer-menor na educação.

Em uma de suas passagens sobre a conceituação do que seriam as heterotopias, Foucault (2013, p. 30) apresenta o que consideramos uma de suas mais importantes explicações:

E se considerarmos que o barco, o grande barco do século XIX, é um pedaço flutuante, lugar sem lugar, com vida própria, fechado em si, livre em certo sentido, mas fatalmente ligado ao infinito do mar e que, de porto em porto, de zona em zona, de costa em costa, vai até as colônias procurar o que de mais precioso elas escondem naqueles jardins orientais que evocávamos há pouco, compreenderemos porque o barco foi, para nossa civilização – pelo menos desde o século XVI – ao mesmo tempo, o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. Civilizações sem barco são como cãs cujos pais não tivessem uma grane cama na qual pudessem brincar; seus sonhos então se desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e a truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários.

E assim constitui-se o Videocurso, um lugar que nos transporta para outras salas de aula, outras casas, outras culturas, para vivenciar outras experiências. É o espaço virtual do Videocurso um barco que navega entre os conhecimentos, saberes e práticas instituídas da educação maior, e a possibilidade dos devires e agenciamentos da educação menor.

E são as heterotopias na educação, possibilidades de traçar linhas de fuga, permitir a criação, a imaginação, dando espaço e realização concreta aos sonhos. Permitimos, a partir das discussões realizadas no espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade que os/as cursistas desterritorializem suas práticas educativas, abrindo espaço para novos agenciamentos a respeito das questões de gêneros.

Para Gallo (2015, p. 88),

[...] nas escolas sem heterotopia ficamos presos ao mesmo, professores nos tornamos em policiais, controlando e impedindo a aventura do aprendizado. Assumir o devir-menor, criando heterotopias, por outro lado, significa lançar-se e chamar outros à aventura, sem saber qual será o porto em que chegaremos, mas dispostos a fruir dos acontecimentos intensivamente, inventando novos caminhos.

Producir heterotopias como o Videocurso na formação de professores/as, abordando as questões de gêneros, é abrir espaço para o devir-menor da educação

para a sexualidade no espaço da escola. É permitir que professores/as problematizem suas práticas, permitindo a vivência de acontecimentos intensos, abrindo novos caminhos para crianças e jovens na constituição de suas identidades de gêneros.

Nesse sentido, os RED constituem-se nesses novos caminhos, são rizomas, permanecem sempre entre as coisas, não encerram ou delimitam, fazem multiplicar. São os RED aqui analisados rizomas que fazem multiplicar as discussões sobre as questões de gêneros no espaço da escola, são esses artefatos práticas de educação menor.

Analizar os recursos educativos digitais, produzidos pelos/as cursistas do Videocurso foi o investimento empreendido neste texto. Assim, nos desafiamos a pensar nas suas potencialidades para a promoção das discussões das questões de gêneros no espaço escolar, entendendo-os aqui como espaços de educação menor, potencializados a partir das experiências de formação de professores/as na heterotopia do Videocurso.

---

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar os recursos educativos digitais (RED) produzidos pelos/as cursistas do Videocurso *Educação para a Sexualidade* como práticas de educação menor, de modo a pensar suas potencialidades para a promoção das discussões sobre as questões de gêneros no espaço escolar. Em nossos estudos temos problematizado, a partir de Michel Foucault, ser o Videocurso um espaço de heterotopia que busca contribuir com a formação de professores/as sobre as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades. Dentro de sua proposta é solicitado aos/as cursistas que produzam um RED que tem por objetivo tornar-se um material que viabilize as discussões sobre a educação para a sexualidade na escola. A partir das análises realizadas pautadas nas três categorias da educação menor – desterritorialização, caráter político e valor coletivo – demonstramos serem os RED práticas de educação menor que rompem com os binarismos de gênero, a heteronormatividade, a violência de gênero, entre tantas outras questões de gêneros fazendo multiplicar no espaço da escola outras formas de vivência dos gêneros, possibilizando acontecimentos.

**Palavras-chave:** Questões de gêneros. Educação menor. Heterotopia. Educação para a sexualidade.

**Abstract:** This article has as its goal to analyze the digital education resources (DER) produced by the students of Videocurso *Educação para a Sexualidade* as practices of minor education, so to think of its potentialities on the promotion of gender themed discussions in school environment. In our studies we have questioned, from Michel Foucault, the Videocurso as a space of heterotopia that seeks to contribute to the formation of teachers about the thematic of bodies, genders and sexualities. Within that proposal, it's asked to the students that they make an DER that has as its goal to become a material that make viable the debates about education for sexuality in school. Based on the analyzes carried out on the three categories of minor education - deterritorialization, political character and collective value - we prove the DER as practices of minor education that break the gender binarisms, the heteronormativity, gender violence, among many other gender related questions, multiplying in school space other ways of gender experiences, enabling events.

**Keywords:** Questions of gender. Minor education. Heterotopia. Education for sexuality.

## Referências

- ÁVILA, Dárcia Amaral. #Estupronãoéculpadavítima: notas sobre a violência de gênero e a cultura do estupro. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 103-118.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>. Acesso em: 18 set. 2017.
- BUTLER, Judith. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. P. **Deshacer El Género**. 2004. Disponível em: <<http://www.caladona.org/grups/uploads/2014/02/butler-judith-deshacer-el-genero-2004-ed-paidos-2006.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.
- COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T.; PREHN, D. R. (Org.). **Gênero e Cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: Edipuc, 2004. p. 13-38.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka**: Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacao/realidade/article/download/25926/15194>>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013a, 36. **Anais...** Goiânia – GO. Disponível em: <[http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_encomendados/gt13\\_trabencomedando\\_silviogallo.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomedando_silviogallo.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.
- GALLO, Silvio. Educação Menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: GRUPO TRANSVERSAL. **Educação Menor**: conceitos e experimentações. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015. p.75-88.
- GRUPO TRANSVERSAL. Uma educação menor. In: GRUPO TRANSVERSAL. **Educação Menor**: conceitos e experimentações. 2. ed. Curitiba: Appris, 2015. p.19-29.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO Raquel Pereira (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 3. ed. Revisada. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. p. 49-60.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Escola, homofobia e heteronormatividade**. 2016. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/escola-homofobia-e-heteronormatividade/>>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.).**Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

RABELO, José Orlando Carneiro Campello; AMAZONAS, Maria Cristina L. de Almeida. **Violências e conjugalidades**: reflexões sobre o “dispositivo gênero”. 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/view/2129/706>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.).**Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: FURG, 2009. p. 85-103.

XAVIER FILHA, Constantina. **Gênero e resistência em filmes de animação**. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n1/1980-6248-pp-27-01-00019.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

Recebido em Agosto de 2017

Aprovado em Setembro de 2017